

O Professor Albert James Kascheres que conheci

Silvio Cunha - UFBA

Lembro do momento exato que conheci o Professor Albert James Kascheres: segunda-feira, 04 de março de 1991, 10:05 h, na sala de aula que ficava no fim do corredor do segundo andar do Bloco E do Instituto de Química da UNICAMP. Era uma manhã clara e quente. Chegara atrasado no primeiro dia de aula do curso QP222-Métodos Físicos em Química Orgânica.

Havia cerca de vinte estudantes na sala, algumas cadeiras vazias ao fundo. Ele olhou o relógio e disse “boa tarde”. Sentei-me o mais rápido possível, não queria chamar a atenção, mas era tarde. Não entendi a mensagem na sua inteireza, compreendi que significava “você está atrasado”, mas só convivendo com ele é que pude entender o significado do ato. Era pedagogia que eu não experimentara com tamanha convicção. Era psicologia da educação que não estava escrita nos manuais estudados nas disciplinas de licenciatura pois era para formar cientista.

Tinha sido alertado que o Professor da disciplina era rigoroso, que seria bom não chegar atrasado. Calouro (ou bicho) na Pós-graduação, desconhecia a geografia do IQ. Tive que fazer a matrícula como aluno especial, cuidar da documentação necessária e formalizar a matrícula em QP222 - o que significava solicitar ao docente da disciplina a autorização através da sua assinatura no formulário.

A aula ia bem. Após apresentar um panorama sobre os diversos métodos de elucidação estrutural de compostos orgânicos e a sua dependência com a radiação eletromagnética, os aspectos teóricos do tema infravermelho começaram a ser apresentados. No breve intervalo que foi anunciado após uma hora, me dirigi a ele e informei que precisava da assinatura autorizando a matrícula na sua

disciplina. Arguiu qual era a minha formação e onde havia estudado. Identifiquei-me e fui informado que ao término da aula veríamos o formulário. Tão logo reiniciou, a clássica equação da dependência da frequência de absorção com a constante de força foi apresentada e então perguntou, se dirigindo a mim, o que significava o termo μ . Respondi que era a massa reduzida do sistema dos átomos A-B, o que foi seguido da pergunta “e o que é a massa reduzida?”. Respondi que era a razão entre o produto e a soma das massas de A,B. Ele repetiu a resposta como quem monta mentalmente a equação; naquele momento percebi que estava aceito na disciplina. Ao avançar no curso, conhecendo sua linha de pesquisa, decidi que queria ser orientado por ele, Figura 1.



Figura 1. Professor Albert Kascheres e Silvio Cunha (1992).

Trabalhar com o Professor Albert James Kascheres foi ímpar para a minha formação, não só devido aos valiosos ensinamentos químicos, mas também por ter dado o exemplo de uma conduta ética no fazer Ciência. Aprendi muito com ele, dotado de um estilo disciplinador e da capacidade de fazer aflorar em nós o conhecimento que trazemos, além de imprimir uma potência de raciocínio químico sólido, alicerçado nos princípios básicos da Química.

A inconfundível caligrafia de Kascheres ficou registrada na correspondência que trocamos durante o período que fui Professor na Universidade Federal de Goiás, quando enviava os manuscritos da minha tese de doutorado para avaliação dele. Era necessário ser assim, à

moda antiga, pois Kascheres não tinha e-mail nem usava computador. Não espere encontrar seu CV Lattes pois ele aposentou em 1996 e o Lattes só surgiu em 1999. Para escrever os artigos e a correspondência associada usava sempre papel pautado e, como era datilografado por outra pessoa, desenvolveu o estilo de escrever alternando uma linha, Figura 2.

Acredito ser possível recompor o modo de pensar de uma pessoa, mesmo que em parte e de forma incompleta, através do material escrito que ela nos deixa. Por sorte, tenho um pouco desse material de Kascheres em função do nosso entrelaçamento profissional.

Dear Prof. Dykstra:

Thank you for your letter of Oct. 18, 1995, wherein you note the reviewer's report on our manuscript. The estimate of the work as suggested by the reviewer is not ~~valid~~ cyclopropanes are best represented as cyclopropanium oxy-anions and therefore share ~~nothing~~ in common with aldehydes. Ketones in terms of electronic structure and reactivity. Our manuscript was deliberately prepared in a concise fashion with the objective of evaluating semi-empirical models

For the highly strained cyclopropanes involved, we believe that parameters encountered in the study will facilitate mechanistic interpretation of reactions involving this oxy-anion species. Products of ring cleavage may be very diverse in nature, making analogies with ketones inappropriate. For these reasons, we would like to have the manuscript considered as it stands, with correction of the typos encountered by the reviewer. We await your analysis of the manuscript in order to forward the diskette containing the final manuscript. Thank you very much for the kind attention.

Sincerely yours,
Albert Kascheres

Figura 2. Carta manuscrita para o editor da *Theochem*.

Quando prestei o concurso para a UFG no meio do doutoramento, estava certo que Kascheres não concordaria com a interrupção dos estudos, apesar da sua convicção que eu seria aprovado desde o primeiro momento que o informei que iria prestar a prova. A intenção era conhecer como funcionava um concurso para Professor Universitário. Pois qual não foi a alegria quando aprovado, logo na primeira conversa ele afirmou que eu deveria assumir o cargo pois era muito difícil conseguir uma posição de Professor Universitário. Manifestei a preocupação com o que vi, que não havia infraestrutura para pesquisa. Ele lembrou o que encontrou quando veio para a UNICAMP e me deu o melhor estímulo que um orientador pode dar ao afirmar que “o melhor

equipamento de pesquisa fica em cima do pescoço”.

Dos difíceis tempos iniciais do IQ-UNICAMP ele contou que, um dia, pegou uma caixa de papelão e foi ao IQ-USP apenas para pedir reagentes de uma lista que havia feito, pois percebeu quão diferente e difícil era conseguir reagentes aqui no Brasil. Voltou com a caixa cheia. Também houve o episódio da chapa de fazer hamburger conseguida por José Augusto Rosário Rodrigues (o saudoso Prof. Zé Augusto), orientado de Kascheres, que foi o primeiro doutor titulado pela UNICAMP. Zé Augusto viu que a cantina do IQ descartou uma chapa velha de fazer sanduiche e a resgatou para o laboratório. Pois foi com esta “chapa de aquecimento” e panelas com óleo que os primeiros doutores foram formados e os artigos publicados no *The Journal of Organic Chemistry*.

Mais de duas décadas depois, estávamos fazendo uma faxina no laboratório e encontrei esta placa que nem sabia que existira. Os tempos difíceis estavam no passado e ela precisava ser novamente descartada, mas Kascheres, ao ver a chapa, ficou visivelmente emocionado.

Quem conviveu com Kascheres sabe da sua preocupação com a formação plena dos seus orientandos. Havíamos acertado que iria continuar o trabalho experimental, retornando toda semana para a UNICAMP. Isto significava viajar de ônibus entre Goiânia-Campinas (1200 Km), indo às quartas e retornando aos domingos, com as aulas na UFG concentradas entre segunda e quarta. Foi assim que, ao ir me despedir no dia que mudei para Goiânia, ele me fez assumir o compromisso que iria terminar o doutorado. Saí da sala dele com o meu albatroz nos ombros, como na história que ouvi ele contar, fuzilado com a frase: “Silvio, eu não aguento outro aluno que não conclui o doutorado na minha vida...”

Com a generosidade de Kascheres e a concordância da Direção do IQ-UNICAMP, pude realocar vários reagentes químicos para o IQ-UFG de modo a realizar alguns experimentos.

Como Kascheres decidira aposentar-se me tornei seu último pós-graduando, o que proporcionou herdar muito mais que os reagentes e vidrarias necessários ao projeto original (meu laboratório ainda é povoado de reagentes com as iniciais AJK).

Sua frase “Isto é o melhor que você pode fazer?” quando dirigida a um de nós não era protocolar. Não representava exclusivamente o rigor científico, envolvia o comportamental. Relato um episódio ilustrativo. Escrevi o resumo para a RASBQ de 1997 e deixei na caixa do correio da residência dele numa sexta à noite, que havia combinado me devolver corrigido no sábado. Cheguei no laboratório logo após as 9 h e encontrei um bilhete na minha mesa, que foi como um soco no estômago, Figura 3. Tinha sido alertado sobre ética.

Não titubeei, liguei para a casa dele e disse que precisava conversar sobre o resumo, que iria lá. Ele respondeu que não precisava, que estaria indo ao IQ agora. Me preparei para uma conversa difícil. Disse-lhe que decidira não enviar o resumo, apesar da avaliação que o resumo estava bem escrito. Perguntou o porquê; respondi que concordava que a vinculação à UFG não constasse, mas que não iria inscrever o trabalho pois, para ir à RASBQ apresentar o resumo eu não achava ético, uma vez que a UFG estaria pagando meu salário naqueles dias da apresentação. Respondeu que eu tinha razão e que devia inscrever o trabalho com a vinculação também da UFG. O resumo ficou como apresentado na Figura 3 (destaques em vermelho). A esta altura da convivência já tínhamos um afeto mútuo, e a conversa toda durou menos de dez minutos num tom completamente fraterno. Era mais da pedagogia para formar cientista que não experimentara antes... Anos depois, a sugestão de inserir a vinculação da UFG no nosso primeiro artigo da tese partiu dele mesmo, como se vê na Figura 3.

Seu peculiar senso de humor e o modo à vontade que tinha comigo pode ser percebido na carta que enviou com as correções do manuscrito, onde sou tratado de “fofinho” e ele

assina “The Boss”, um trocadilho ao modo como era carinhosamente tratado por nós no laboratório.

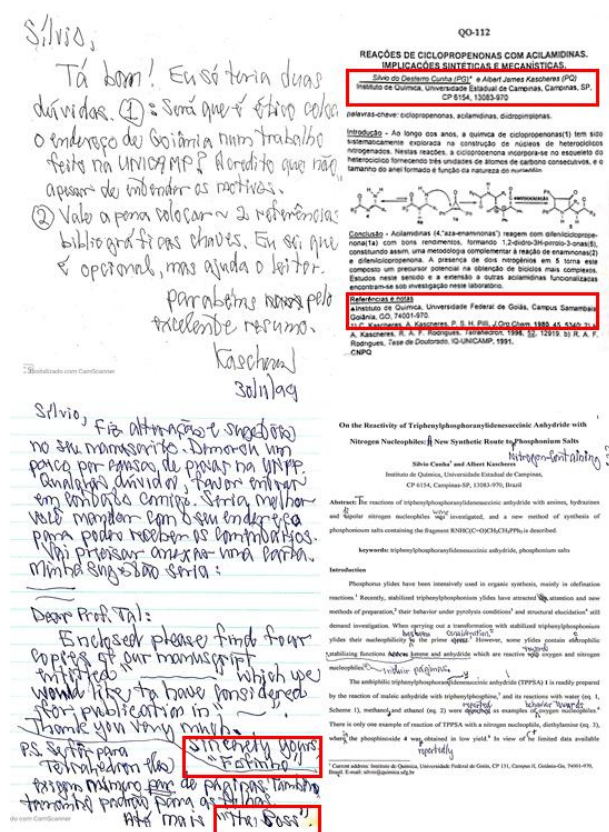


Figura 3. Bilhete correspondente ao resumo da 20ª RASBQ (1997) e carta do manuscrito 1 da tese de doutorado.

Um detalhe interessante emerge quando nos debruçamos sobre o conjunto da nossa correspondência: a mudança de tratamento ao longo do tempo, Figura 4. Na carta com as correções da tese de doutorado o envelope é endereçado ao “Prof. Silvio” e Kascheres assina “o Chefão”. Já na carta com as correções do nosso segundo manuscrito da tese o envelope é endereçado ao “Prof. Dr. Silvio” e assina “Seu Ex-Chefe”. Kascheres não era afeito a salamaleques; entendi a mensagem como “parabéns por cumprir com o que eu esperava de você”.

Na carta com as correções do nosso último manuscrito quem me manda um abraço e assina é apenas Kascheres, o meu Amigo, mas o rigor é o mesmo de sempre, tanto na correção de português (ele tinha um excelente vocabulário e escrevia muito bem em português para quem nasceu e viveu nos Estados Unidos até adulto)

quanto no meu deslize na descrição estrutural, Figura 5.

Ele não cedia nem deixava ceder em matéria de rigor científico e ética. Soube captar meu estilo de trabalhar, não me deixou dispersar e corrigiu muitos dos meus defeitos. Os outros muitos que restam são teimosia minha.

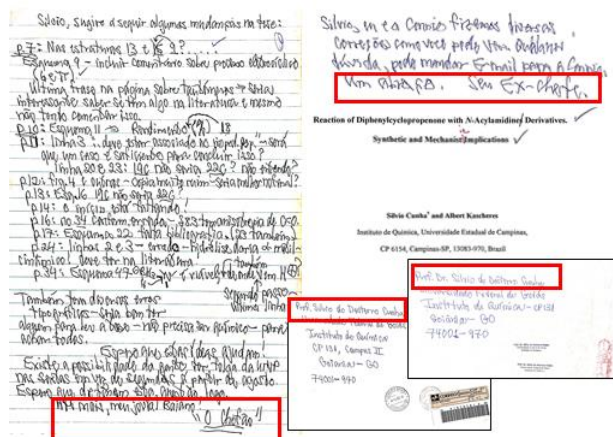


Figura 4. Cartas da correção da tese e do manuscrito 2.

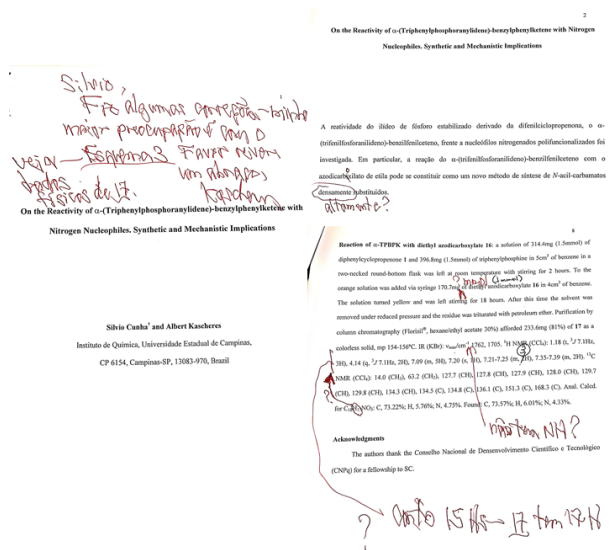


Figura 5. Carta com correções do manuscrito 3 da tese.

Kascheres era tímido e formal no trabalho, porém muito divertido no laboratório. Somos muito diferentes; ele reservado, eu exagerado. Surpreendentemente, ficamos próximos e com afeto mútuo (repare na carta da Figura 4 como se despede: “Até mais, meu jovial Baiano”), mas não se trata de monopólio, ao contrário, o afeto é comum entre vários de seus orientandos e ex-alunos, Tabela 1.

Kascheres atuou intensamente nos momentos iniciais do *Brazilian Meeting on Organic Synthesis* – BMOS, já com a chancela da SBQ e financiamento do CNPQ, Figuras 6 e 7. De acordo com e-mail do Professor Peter Bakuzis, “O Primeiro Encontro Brasileiro de Síntese Orgânica se realizou em Brasília nos dias 8 e 9 de março de 1982 com onze apresentações de uma hora cada e palestras com 20-30 minutos cada. No final do encontro foi realizada uma mesa redonda a respeito da situação da química orgânica sintética no Brasil, com apresentações pelos Profs. Barreiro e Bakuzis e debates e discussões até polêmicas entre todo mundo presente.”



Figura 6. Professores e Pós-graduandos do IQ-UNICAMP no BMOS de 1987. Acima (da esquerda para a direita): José Augusto Rosário Rodrigues, Connie Kascheres, Albert Kascheres, Antonio Cláudio Herrera Braga, Maria Marcia Murta, Dennis Russowsky, Cecilia Maria Alves de Oliveira (atrás dela Cintia Maria Rubo de Souza Nobre) e Mariangela de Burgos Martins de Azevedo. Abaixo: Connie, Ronaldo A. Pilli, Mariangela de Burgos Martins de Azevedo., Cecilia M. A. de Oliveira, não identificado, Anita J. Marsaioli, Lúcia Helena Brito Baptistella, Cintia M. R. de Souza Nobre, não identificada, Vera Lúcia Garcia Rehder, Mauricio Gomes Constantino (USP), Dennis Russowsky, Maria Marcia Murta e, atrás de todos, há

dois homens não identificados. Fonte das fotos: Dennis Russowsky.

Kascheres também foi conferencista no 2nd BMOS (1987) e no 6th BMOS (1994). Pelo seu pioneirismo na área no Brasil e contribuição à formação de gerações de químicos orgânicos sintéticos brasileiros, foi agraciado com o Prêmio BMOS em 2018, Figura 7.

Costumo dizer que, do ponto de vista científico, Kascheres salvou a minha vida. Há dívida maior que esta? Tento agora, no meu próprio estilo, propagar seus ensinamentos como um admirador, com respeito à tradição científica e com a convicção que formar bem vale a pena. Como orientador ele não desistia nunca de seus alunos; excelente Professor, me inspira!

Nós, os orientados por AJK, carregamos a nada indelével marca de Kascheres em nós. Um encantador de moléculas e mentes. Obrigado AJK! Quanta saudade...

Universidade de Brasília
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA
CNPq - SBQ

PRIMEIRO ENCONTRO BRASILEIRO DE SÍNTESE ORGÂNICA

P R O G R A M A

08/03/82

8:45 hs	ABERTURA
9:00 hs	Prof. J.R. Mahajan - Síntese de Cetolactonas e Cetolactamas de Tamanho Médio e Macrocíclico. (UnB)
10:00 hs	Prof. Timothy J. Brockson - Síntese de Terpenos Biologicamente Ativos. (UFSCar)
15:00 hs	→ Prof. Albert James Kascheres - Utilização de Anéis Pequenos na Síntese de Heterocíclicos Mitrogenados. (UNICAMP)



Figura 7. Participação de Kascheres no primeiro evento de Síntese Orgânica do Brasil (1982) e o Prêmio BMOS (2018).

Tabela 1. **Doutores** e **Mestres** formados por AJK¹

1975 Reação de difenilciclopropenona com 2-aminopiridinas e compostos relacionados	<i>José Augusto Rosário Rodrigues</i>
1976 Sínteses de heterocíclicos condensados por reações de cicloadição de ciclopropenonas: 3H-pirido[1,2-b]piridazin-3-onas	<i>Decio Marchi Junior</i>
1981 Reatividade de N-(p-toluenosulfonil)difenilciclopropenimina com íldeos de piridínio e isoquinolínio: síntese de heterociclos nitrogenados	<i>Ronaldo Aloise Pilli</i>
1987 Reatividade de enaminoionas frente a derivados de 1-azirina e de difenilciclopropenona	<i>Antonio Claudio Herrera Braga</i>
1991 Utilização de derivados de 1,5-di-hidro-2H-pirrol-2-ona na síntese de heterocíclicos mais complexos	<i>Reinaldo Augusto Ferreira Rodrigues</i>
1995 Reatividade de vinil azidas e 1-azirinas contendo um grupo metileno ativado frente a reagentes carbonilados em meio básico. Parte 1: síntese de compostos acíclicos polifuncionais. Parte 2: preparação de 3-oxazolin-5-acetato e outros derivados de oxazóis	<i>Marcus Cesar Mandolesi Sa</i>
1996 Estudo da reatividade de 1-azirinas-3-funcionalizadas frente a difenilceteno: síntese de novas 2-pirrolonas e 2-azetidionas derivadas	<i>Jose Nunes da Silva Junior</i>

1997 Estudo da reatividade de 1-azirinas-3-carbofuncionalizadas frente a diazóis e álcoois: obtenção de 2-aza-1,3-dienos	<i>Márcia Teixeira Barroso</i>
1999 Reatividade de ciclopropenonas e de íldeos de fósforo estabilizados por funções eletrofílicas frente a nucleófilos de nitrogênio polifuncionais	<i>Silvio do Desterro Cunha</i>
1975 Reações da difenilciclopropenona com <i>N</i> -imino piridíneo em meio protônico	<i>Decio Marchi Junior</i>
1977 Síntese de 5,6-diidro-5,6-difenil-pirimidin-4onas condensadas a tiazóis e sistemas relacionados	<i>Juan Luis Reyes Rodriguez</i>
1980 Reações de ciclopropenonas com 1-azirinas na presença de trifetilfosfina	<i>Antonio Carlos Joussef</i>
1983 Reatividade do <i>p</i> -toluenosulfonilmetilisocianato com difenilciclopropenona, 1-azirinas e aldeídos aromáticos	<i>Reni Ventura da Silva</i>
1985 Estudo da reatividade de enamionas com difenilciclopropenona	<i>Cleuza Conceição da Silva</i>
1987 Reatividade de (<i>E</i>)-3-fenil-2 <i>H</i> -azirinas-2-acrilatos com amidinas	<i>Mariangela de Burgos Martins de Azevedo</i>
1987 Adição de IN_3 a derivados de ácidos alquil cinâmicos: obtenção de 2-alkil-3-fenil-1-azirinas e 3-azido-2-azetidionas	<i>Cintia Maria Rubo de Souza Nobre</i>
1987 Reatividade de 2 <i>H</i> -azirinas-funcionalizadas com hidrazinas	<i>Cecilia Maria Alves de Oliveira</i>
1989 Preparação e reatividade da 2-fenil-1-azirina-3-acetato de metila com nucleófilos nitrogenados	<i>Alice Misa Kanazawa</i>
1992 Estudo da reatividade C-Alquil versus C-Fenil em ciclopropenonas não-simétricas	<i>Jair Correa Filho</i>
1993 Reações de alquilfenilciclopropenonas com diazóis: reatividade e estudo de orbitais moleculares	<i>Silvio do Desterro Cunha</i>
1995 Reatividade de 1-azirinas-3-acrilatos frente a α -diazocetonas e difenilceteno	<i>Fernando Brandão</i>
1997 Aspectos da química de vinil azidas e 1-azirinas 3-funcionalizadas: reatividade de α -azido-vinil-ésteres em meio básico e efeito do substituinte na posição 3 na abertura do anel de 1-azirinas	<i>Luciana Cunha Sabino</i>
1997 Adição de IN_3 a compostos carbonilados α,β -insaturados: implicações mecanísticas e sintéticas	<i>Patricia Ribeiro de Moura</i>

¹Cintia Maria Rubo de Souza Nobre, Hugo Tubal Schmitz Braibante e Missao Ueno não titularam, mas findaram a parte experimental.